



A FESTA DA MOAGEM EM FORMOSA E A REIVINDICAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO NO ESTADO DE GOIÁS

Lorena Ferraz C. Gonçalves¹

Resumo: Constitui este texto uma observação, elaborada a partir dos elementos oferecidos pela performance cultural, de uma festa relativamente recente no estado de Goiás, denominada “Festa da Moagem”. Como o nome bem o sugere, é uma comemoração, com o sentido de celebrar, a forma como gerações passadas moíam cana-de-açúcar e mandioca. Processos toscos, quando ainda não havia tecnologia de ponta no campo e o trabalho humano era largamente utilizado, ao contrário do que acontece hoje. Por trás de todo o acontecimento está o desejo de preservar uma tradição, transmitir o passado para esta geração e as futuras, produzir benefícios pecuniários em prol da vida cultural da cidade em que se contextualiza, Formosa, e propiciar divertimento aos locais.

Palavras-chave: festa, tradição, identidade cultural e performance.

1- Introdução

Este trabalho é inspirado em campo novo das ciências sociais, *os performance studies*, nas modernas políticas de salvaguarda ²do Patrimônio Histórico e Imaterial³ e nos conceitos de identidade cultural, performance e tradição. O campo/ área/ disciplina da performance não está definido e não se propõe fazê-lo. Exatamente por ser (in)direcionado, inclusivo, irreverente e eclético defini-lo significa limitar suas possibilidades de alcance e ação. Performance é, ao mesmo tempo, o objeto e o método desta pesquisa.

Dizer que as festas são materialidades capazes de expressar mudança e movimento (Cunha, Maria C. P, 2002) é uma meia verdade capaz de expressar o contexto da “Festa/Feira da Moagem” em Formosa, Estado de Goiás. Mudança e movimento que frustram as expectativas dos mentores do evento e, de certa forma, de todos aqueles que acreditam ser tal invenção mera continuidade estabelecida com o passado (os antepassados), que desejam preservar incólume. Formosa⁴, cidade histórica de Goiás, cuja origem remonta ao período da

¹ Estudante de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIC) da mesma instituição no Laboratório Transdisciplinar de Estudos sobre a Performance/ TRANSE.
e-mail: lorenafcg@yahoo.com.br

² Laurent Lévi-Strauss, 2003.

³ Laraia, Roque de Barros, 2004.

⁴ Relatório Preliminar de Desenvolvimento Integrado: Formosa – GO, 1970.

mineração no Brasil, é parte da Região de Desenvolvimento Integrado do Distrito Federal e Entorno – RIDE, região de interesse das Políticas de Salvaguarda do Patrimônio Histórico e Imaterial Brasileiro.

Os motivos pelos quais tal investigação se justifica são basicamente três: Contribuir para o registro das manifestações culturais e patrimônio imaterial da RIDE, colocar produtores de cultura popular no foco das discussões ora em curso sobre cultura, registro, políticas de preservação e tradições e elaborar positivas ao acervo de memórias da cidade de Formosa, dando visibilidade ao fenômeno investigado e reforçando seu caráter tradicional.

O texto segue estruturado em três partes: a primeira, alguns esclarecimentos dos principais conceitos utilizados nesta abordagem, já acima citados, depois, a descrição do objeto com afirmação de intenções, por fim, uma conclusão preliminar, não sendo definitiva, dado que a pesquisa ainda está em curso de finalização.

2 – Esclarecimentos conceituais

A identidade cultural é parte constitutiva do dilema recorrente entre o indivíduo e a sociedade. Indivíduos precisam encontrar e cultivar elementos com que se identificar e orientar enquanto parte de um todo, mas esses elementos, regra geral, são compartilhados e transcendentais (num sentido Kantiano), porque a cultura é coletivista. As identidades são individuais e coletivas simultaneamente. Saber até que ponto o indivíduo é capaz de criar e influenciar esses elementos ou até que ponto é influenciado por eles ainda é, senão o maior, um dos mais importantes desafios das Ciências Sociais, Humanas e da Psicologia. É nesse sentido que a identidade cruza e se casa com a cultura. Esta, enquanto fornecedora dos elementos de auto-identificação, de integração de comunidades e cooperação entre grupos que se reconhecem mutuamente enquanto pessoas que compartilham valores. Para Freud⁵, identificar-se significa ativar elementos inconscientes de auto-definição e satisfação de desejos, como num espelho que reflete o *self*.

Entender a natureza performática do discurso-ação cultural introduz um elemento reflexivo e crítico para descrever fenômenos sociais. Performartizar ou, se quiser, teatralizar é uma forma de capturar objetivamente a cultura, as tradições, os modos de fazer e os sentimentos históricos de uma sociedade. Valores, sejam tradicionais ou modernos, são

⁵ Freud, S. 1943.

imaterialidades cuja principal característica é a fugacidade de percepção objetiva. Sua veracidade está no aqui e agora, contudo, tal processo⁶ é capaz de alimentar crenças através da repetição continuada no tempo. O tipo de performance utilizado nesta análise é a cultural, porque privilegia o social em detrimento do personalizado, privilegia a sociabilidade e a performance coletiva em eventos como as festas, os rituais, os espetáculos e o drama social⁷.

Performance⁸ é um ato de comunicação poética que se realiza principalmente através do corpo e da música, mas também de um engajamento sensorial e emocional. Depende de desempenho e reciprocidade para que suas funções sociais se exerçam: produzir beleza, marcar ou mudar identidades, entreter, curar (no caso do xamanismo), fazer ou estimular uma comunidade (neste caso com um caráter mais político), ensinar (performance didática), persuadir e lidar com o sagrado e com o demônio (performance religiosa).

Talvez seja legítimo comparar performance a uma boa crônica, na medida em que consegue evocar, se utilizando de material do cotidiano, experiências não cotidianas, transformar o ordinário em arte, em movimentos ensaiados, pensados e provocar encantamento. Bons exemplos disso são encontrados na literatura de Tolstói, Bukowski, Veríssimo, Tchekhov entre tantos infinitos exemplos vistos no Brasil e alhures. Grandes intelectuais como Shakespeare e Goffman, que acreditavam ser “o mundo um grande palco”, como também na existência, no ser humano, de um impulso natural, quase um instinto, de representação vital, redesenharam a noção de performance para além da técnica. Por óbvio, a idéia do mundo como um grande palco diminuiu enormemente as limitações da performance, tornando-a quase algo intrínseco da humanidade e de difícil mensuração, mas que certamente apetrecha o ato de viver. Para os últimos, performatizar e viver são sinônimos.

Por que tantos esclarecimentos sobre o que é performance? Primeiro, por ser o instrumento através do qual é analisado a Festa/Feira da Moagem, no contexto de Formosa. A festa, claramente, é uma estetização do passado, é uma reconstrução da sociedade passada através da teatralização⁹, permitindo que uma esfera da existência coletiva e de valores dos antepassados, adquira substância objetiva, por intermédio do espetáculo. Enfatiza-se, assim, que a performance constitui o objeto e o método de análise da realidade social, neste caso, local. O trabalho é desenvolvido aceitando como premissa o valor identitário das

⁶ Para Milton Santos processo é uma estrutura em seu movimento de transformação.

⁷ Turner, Victor, 1982.

⁸ Carlson, Marvin, 1996.

⁹ Duvignaud, Jean, 1983.

performances culturais, que reforçam a identidade e alimentam o desejo de auto-imagem de grupos.

A tradição constitui-se o fator legitimador da reivindicação dos mentores e participantes da Festa/Feira da Moagem. Em primeiro plano, por se referendar na historiografia, segundo, por sua conservação ser o elo que liga essa comunidade ao passado, aos seus antepassados. Preservar modos de fazer, materializá-los é a forma de reivindicar um elemento auto-identificador de origem que tende a se perder no tempo e com a modernidade.

3 – A Festa da Moagem de Formosa, Estado de Goiás

A Festa/Feira da moagem acontece já há dez anos, e visa (re) significar o processo tradicional de moagem da cana-de-açúcar, para a produção de rapadura, de aguardente e de caldo de cana. Tem também a moagem de mandioca, para produção de farinha e beiju. A tecelagem foi incorporada como processo a ser representado no evento.

A festa é presidida pela lógica do excesso, do dispêndio, da exacerbação, do mercado e da dilapidação (Brito, Eleonora Zicari Costa de, 2006). É um ato coletivo extra-ordinário, extra-temporal e extra-lógico. Durante sua realização, as pessoas saem do cotidiano para se inserir no contexto lúdico que todas aquelas representações simbolizam, especialmente aqueles que estão engajados na organização e produção da festa. Processos que, em outros tempos, eram encarados através da lógica da utilidade e do cálculo, se opondo ao lazer enquanto trabalho, na Festa/Feira da Moagem se transformam em peças de teatro ao ar livre e na materialização da memória histórica (estetização do passado).

Como acontece a representação da memória histórica? Bem, é como se fosse um museu sem paredes nem teto. Primeiro se seleciona um espaço destinado à execução do teatro, como um parque de exposições. Depois se monta uma estrutura de forma a dividir o lugar da seguinte maneira: um espaço para a mostra de um engenho de cana-de-açúcar “a la ancien”, puxado por bois. Nele, a cana é moída, produzindo o seu caldo. Ao lado, uma casinha onde se estoca o caldo de cana para consumo dos participantes e, por fim, um sistema de tubos que leva outra quantidade do caldo produzido para sistemas onde se produz aguardente. Uma terça fração do caldo resultante da moagem destina-se a fabricação de rapadura. É levado à fervura em grandes tachos de cobre, até dar “ponto de puxa¹⁰”, quando

¹⁰ O ponto de puxa é quando o caldo fervido condensa-se de forma a dar liga.

está pronto para ser enformado e transformado em rapadura. Tudo para efeito de observação, como num laboratório. Também é separado um espaço para demonstração da trituração da mandioca¹¹, da qual resulta a farinha, de que se faz o beiju. Este é uma espécie de crepe de farinha de mandioca, que pode ser doce ou salgado. Um terceiro pedaço do parque é ordenado para representação da tecelagem, com produção do fio a partir do algodão cru e se utilizando de máquinas manuais e tecelãs tradicionais.

Embora o foco no tradicional, há lugar para os modernismos, os diacronismos e a coexistência de temporalidades. Pode-se encontrar stands da Agência Rural e do SEBRAE, que simbolizam as políticas de desenvolvimento rural, microcrédito e agrobusiness. No espaço de demonstração da Agência Rural ficam expostas caixas teatrais onde bonecos em miniaturas reproduziam todo o processo de produção a que o evento se refere, desde a colheita do algodão para tecelagem ou da mandioca no campo até a fabricação do produto final nas rústicas máquinas.

Entretenimento não pode faltar em eventos sociais, por isso todas as noites acontecem shows, com bandas de forró e duplas de música sertaneja. Uma festa completa, adequada a uma cidade híbrida como Formosa. Híbrida porque nela o remoto e moderno coexistem: o tradicional, como as folias, os velhos casarões e igrejas, os cavalos e as carroças, bem como o moderno, hotéis, prédios, lan-houses e boates, convivem, formando sua paisagem.

As instalações da festa, sem a significação proposta, seriam apenas inutilidades velhas e obsoletas. Nessa proposta, elas revitalizam o espaço, o bairro onde se instalaram e a cidade, enriquecendo a vida cultural, seu acervo patrimonial e de memória. O acontecimento é uma maneira de reivindicar uma tradição perdida, ou pelo menos esmaecida, com o desenvolvimento da técnica, a urbanização e a diversificação do mercado agrícola brasileiro. Tradição que remonta a um período da história colonial¹², às avós, bisavós e às raízes do hoje. Nos dias atuais, tudo é facilmente comprado nos supermercados, mas, na época do Brasil rural, agrário e não industrializado, a maioria dos bens de consumo eram produzidos nas fazendas, nos engenhos, como a farinha ou a rapadura, que vemos ser fabricadas na Festa/feira da Moagem.

¹¹ Um arbusto, que teria sua origem mais remota no oeste do Brasil. Possui muitos sinônimos, usados em diferentes regiões do território, candinga, castelinha, macamba, maniva, moogo, pão-da-américa, uaipi, xagala e pau-farinha.

¹² Furtado, Celso, 2005.

É uma Festa/Feira porque se subdivide em duas lógicas de operacionalização, uma que é a de celebração, rememoração de um passado histórico e outra que é utilitarista, na medida em que muitas pessoas aproveitam a concentração de outras dispostas à pândega para ganharem algum dinheiro. Várias coisas são vendidas no espaço-ritual. Como numa feira livre, pode-se comprar artesanato, produtos agrícolas, rapadura, bebidas e comida, desde cachorro-quente a beiju.

A festa é uma maneira de transmitir para as novas gerações práticas tradicionais e históricas, no que se referem a determinados processos de trabalho: a moagem da cana-de-açúcar e de mandioca, para produção de rapadura e farinha, a tecelagem, feita a partir do algodão. Durante o dia escolas levam seus alunos, normalmente alunos de ensino primário e fundamental, para apreender a realidade remota através dos laboratórios de performance instalados no espaço “gentrificado¹³”. Obviamente é aberta a toda a comunidade, inclusive porque não é cobrada entrada nesse período. O secretário de cultura diz ser essa uma maneira de mostrar aos “mais novos” como os “antigos” viviam no campo. Com a urbanização quase que absoluta esse tipo de memória se enfraquece. Durante a noite, pelo contrário, há bilheteria, embora o preço seja mesmo acessível, R\$ 5,00 (cinco reais), dependendo da atração da noite, R\$ 10,00 (dez reais).

A Festa/Feira da moagem é uma tomada de consciência da finitude humana. O desejo de conversar com os mortos insiste em não nos deixar, tornando-se quase uma necessidade da vida em sociedade, por isso o conhecimento histórico continua tendo crescente adesão. As pessoas se dão conta das limitações inerentes à humanidade e não se resignam, procurando artificios capazes de preservar a memória coletiva, para que algumas referências permaneçam. Esse nexos de conhecimento entre gerações passadas e presentes, mesmo que em novo contexto, é o quinhão de segurança que a pós-modernidade livre não quer abrir mão. Talvez seja esse nexos, essa ligação umbilical do passado com o presente o que se chama Tradição?

4 – Conclusões Preliminares

A tendência dos processos globalizantes e globalizados é de enfraquecimento de identidades locais, criando uma gigante comunidade global e líquida¹⁴. Muito embora o passo

¹³ Expressão muito usada na Geografia, que quer dizer revitalizar e nobilitar espaços urbanos pelo trabalho humano.

¹⁴ Bauman, Zygmund, 1999 e 2004.

dois para inserção na modernidade seja mergulhar no líquido, o passo um é encontrar-se. Existe a cultura que massifica, uniformiza e aliena, contudo, existem contra-movimentos que são os instrumentos que leva os indivíduos para a ação política na sociedade e para a diferenciação. A tradição faz uma conexão do passado com sua perspectiva de futuro. Isso, de certo modo, dá sensação de segurança para grupos aos quais essas tradições pertencem.

A tradição serve como referencial de identidade, conduta e ação. Vale dizer que há o desejo de encontrar conclusões mais precisas e aprofundadas através do diálogo com os múltiplos atores envolvidos no processo da pesquisa. A cultura pode sim ser vista como fator de desenvolvimento econômico, social e humano, na medida em que é capaz de gerar renda, socializar pessoas, criar regras de conduta coletiva, ação subjetiva e alimentar o espírito dos que tem fome de beleza, criatividade e sensibilidade. A própria ciência, assim como as performances, é produto das sensibilidades cognitivas e corporais dos homens.

Na Festa/Feira da Moagem encontra-se uma realidade criada, criativa em que um grupo reage a favor de sua diferenciação, pela construção de seu acervo de memórias. Querem conversar com os mortos para saber quem são, de onde vieram e como viviam aqueles de quem nasceram seus pais e avôs. A performance, mesmo sem ter consciência científica, foi o método que a criatividade do povo de Formosa possibilitou utilizar. A reivindicação do tradicional através da teatralização do passado.

BIBLIOGRAFIA

- Brito, Eleonora Zicari Costa de. “Formosa: Uma Cidade em Festa” in **Entorno que Transborda: Patrimônio Imaterial da RIDE**. Coordenado por Maria Thereza Ferraz Negrão de Mello. Brasília: Petrobrás, 2006.
 - Brito, Eleonora Zicari Costa de, et al. “Celebração, Religiosidade e Tradição: A Cultura Imaterial de Formosa (GO)” in **Textos de História: Revista de Pós – Graduação em História da UnB**. Volume 14, Número ½: UnB, 2006.
 - Bauman, Zygmund. **Identidade: entrevista a Benedito Vecchi**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 2005.
-

- Carlson, Marvin. **Performance: a critical introduction**. Londres: Routledge, 1996.
- Furtado, Celso. 1959 [2005]. **Formação Econômica do Brasil**. 32° ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- Cunha, Maria C. P. **Carnavais e outras f(r)estas: Ensaio da história Social da cultura**. Campinas, SP: Unicamp, 2002
- **Duvignaud, Jean**. “Nota introdutória” e “Comentário 06” in: **Festas e Civilizações**”. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- S. Freud. **Psicologia das Massas e Análise do Eu**, 1943.
- Goffman, Erving. “Performances” in **A representação do eu na vida cotidiana**; tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.
- Laraia, Roque de Barros. “Patrimônio Imaterial: Conceito e Implicações” In Teixeira, João Gabriel L. C; et al (org). **Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização**. Brasília: ICS - UnB, 2004.
- Laurent Lévi-Strauss. “Patrimônio Imaterial e Diversidade Cultural: O novo Decreto para a Proteção dos Bens Imateriais” in **Patrimônio Imaterial: O registro do patrimônio imaterial: Dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho Patrimônio Imaterial**. Brasília: Ministério da Cultura/Iphan, 2. ed, 2003.
- **Relatório Preliminar de Desenvolvimento Integrado: Formosa – GO**. Volume Único: Ministério do Interior. Serviço Federal de Habitação e Urbanismo – SERFHAU, 1970.